

## A ATUAL DESTRUIÇÃO NA SÍRIA É CUMPRIMENTO DE PROFECIA BÍBLICA?

---



"[1] *Recebi esta mensagem acerca de Damasco: 'Vejam, a cidade de Damasco desaparecerá; ela se tornará um monte de ruínas!* [2] *As cidades de Aroer ficarão desertas; rebanhos pastarão nas ruas e ali se deitarão, sem que ninguém os espante.* [3] *As cidades fortificadas de Israel também serão destruídas, e acabará o poder do reino de Damasco.*" (Isaías 17.1-3a – Nova Versão Transformadora)

Nos dias atuais, através das nossas emissoras de rádio e televisão, é possível

acompanhar – quase em tempo real – os desdobramentos da guerra civil que se faz presente na Síria. A guerra civil na Síria é um conflito que teve início a partir do mês de janeiro de 2011, após uma sucessão de grandes protestos da população descontente com o regime de governo de Bashar al-Assad. Um mês depois, o tom das manifestações ficou mais agressivo e elas se tornaram em rebeliões armadas, influenciadas pelas diversas revoltas que ocorriam ao mesmo tempo no Oriente Médio. Com sete anos recém-completados, a guerra civil na Síria produziu, até o momento, quatrocentos mil mortos e cinco milhões de refugiados.

Para muitos, a situação atual da Síria é cumprimento de uma profecia bíblica – registrada na passagem bíblica acima – que supostamente prevê o fim do mundo. O texto bíblico aponta ainda que, quando a Síria for destruída, o povo de Israel também perderá força e toda a sua riqueza. Alguns argumentam que tal profecia já se cumpriu quando os assírios derrotaram os sírios e ocuparam sua capital, Damasco, em 732 a.C. No entanto, inúmeros *blogs* e *sites* especulam que, uma vez que durante os cinco mil anos de sua história, Damasco em nenhum momento se tornou desabitada e continua até hoje como a mais antiga cidade continuamente habitada no mundo, a profecia de Isaías é um prenúncio do futuro, onde Damasco deixará de ser uma cidade e se tornará em um monte de ruínas. Seria, então, a atual destruição na Síria o cumprimento de uma profecia bíblica? O presente material tem por objetivo responder a esse questionamento.

O alvo da boa interpretação bíblica é simples: chegar ao “sentido claro do texto”. Porque a Bíblia é a Palavra de Deus, tem relevância eterna; fala para toda a humanidade em todas as eras e em todas as culturas. Mas porque Deus escolheu falar Sua Palavra através das **palavras humanas na história**, todo livro na Bíblia tem **particularidade histórica**; cada documento é condicionado pela linguagem, pela época e pela cultura em que foi originalmente escrito. O problema é que frequentemente se atribui ideias próprias, completamente estranhas, a um texto, que fazem com que a Palavra de Deus se torne algo diferente daquilo que Deus realmente disse; e uma das principais regras

de interpretação é que **um texto não pode significar o que nunca significou**. Em outras palavras, o verdadeiro significado do texto bíblico para nós é o que Deus originalmente pretendeu que significasse quando falado ou escrito pela primeira vez. Portanto, a interpretação bíblica é sempre pressionada pela “tensão” existente entre sua **relevância eterna** e sua **particularidade histórica**.

Os livros proféticos estão entre as partes mais difíceis da Bíblia para serem interpretados ou lidos com entendimento. As razões disto dizem respeito ao **mal entendimento quanto à sua função das profecias**. Porém, a dificuldade primária de muitos leitores modernos dos livros proféticos está na compreensão prévia inexata da palavra “profecia”<sup>1</sup>. Para a maior parte das pessoas, o termo significa “prenúncio ou predição daquilo que está por vir”, conforme definição da maioria dos dicionários. Contudo, **menos que um por cento das profecias do Antigo Testamento diz respeito a eventos ainda vindouros**. Os profetas realmente anunciaram o futuro. Mas, usualmente, era o futuro imediato de Israel, Judá e de outras nações circunvizinhas, e não o nosso futuro. Ver os profetas como primariamente videntes, é perder de vista sua função primária, que era **falar em nome de Deus para seus próprios contemporâneos**.

A função das profecias era fazer com que se cumprisse a aliança constituída entre Deus e Seu povo. Deus não somente dá a Sua lei, como também a faz cumprir. Os profetas são os mediadores, ou porta-vozes de Deus, no tocante à aliança. Logo, quando lemos as palavras dos profetas, o que lemos não é nada genuinamente novo, mas, em essência, a mesma mensagem que Deus entregou originalmente através de Moisés. **Os profetas não foram inspirados para ensinar quaisquer lições ou anunciar quaisquer doutrinas que já não estivessem contidas na aliança do Pentateuco**.

Infelizmente, um incalculável número de cristãos entende que tudo o que existe na Bíblia deve ficar claro a todos os seus leitores, sem necessidade de estudo ou ajuda externa de qualquer tipo. O raciocínio é que se Deus escreveu a Bíblia para o conhecimento de todos, então cada pessoa tem a habilidade de entendê-la completamente na primeira ocasião em que a ler, visto que tem, dentro de si, o Espírito Santo. Tal conceito é simplesmente incorreto, uma vez que partes da Bíblia são óbvias na superfície, mas outras são bem complexas e exigem tempo e estudo paciente para compreendê-las. A Palavra de Deus, revelada por meio dos profetas, foi direcionada a pessoas em **situações específicas**. Seu valor para nós hoje, depende parcialmente da nossa capacidade de apreciar tais situações de modo que, por nossa vez, possamos aplicá-la à nossa própria situação.

Cada profecia foi entregue em um contexto histórico específico. Deus falou através dos Seus profetas a pessoas em determinado tempo e lugar, e em determinadas circunstâncias. Por isso, vale a pena enfatizarmos que a tarefa primária dos profetas **não** era predizer o futuro distante. Os profetas

---

<sup>1</sup> **Profecia**, do hebraico שִׁזוֹן (*shazown*), significa “*comunicação divina*”. É a declaração do que não pode ser conhecido por meios naturais (cf. Mateus 26.68), é a descrição antecipada da vontade de Deus, quer com referência ao passado, presente ou futuro (cf. Gênesis 20.7; Deuteronômio 18.18; Apocalipse 10.11; 11.3 etc.).

prediziam os eventos futuros. No entanto, na maior parte das vezes, esses eventos futuros já estão em nosso passado. Em outras palavras, **eles falavam do juízo ou da salvação vindouros no futuro imediato de Israel, e não do nosso próprio futuro**. Devemos tomar o cuidado de não forçar as profecias – ou qualquer parte das Sagradas Escrituras – a dizer aquilo que gostaríamos que dissesse. Devemos escutar aquilo que Deus tem a intenção de dizer. Não podemos reescrever ou redefinir as Escrituras por meio da nossa capacidade de compreender aquilo que os autores das Escrituras escreveram. Sendo assim, no que se refere à profecia de Isaías, no capítulo 17, consideremos o seguinte:

A profecia evidentemente é dos dias iniciais de Isaías, quando a Síria e o Israel do Norte eram fortes aliados e os seus reinos ainda estavam intactos. Ela foi cumprida entre 732 e 721 a.C., quando os assírios, liderados pelo rei Tiglate-Pileser III, conquistaram tanto a Síria como Israel, tornando-os províncias. Isaías alertou que Damasco seria reduzida a um monte de ruínas e perderia o poder. O prestígio de Israel seria diminuído, como um homem que perde peso durante uma doença grave. A razão para a destruição de Damasco (capital da Síria) e Samaria (capital de Israel) é o ataque que eles fizeram a Judá. A Síria deixaria de existir como nação soberana e, em consequência disso, Israel perderia forças política e militar, conquistadas com a aliança síria. Em resumo, a mensagem do profeta Isaías visa encorajar e guiar o povo apavorado de Judá (cf. Isaías 7.2) de diversas formas. Uma delas é declarar que a sorte de todo aquele que atacar Judá será a inesperada destruição.

Em relação ao não cumprimento da destruição total de Damasco (cf. Isaías 17.1), há um **aspecto condicional** presente na maioria das “profecias de juízo”. Por meio do profeta Jeremias, Deus afirma que não cumpriria os pronunciamentos de destruição se o povo sentenciado se arrependesse: “*Se eu anunciar que uma nação ou reino será arrancado, derrubado e destruído, mas essa nação abandonar seus maus caminhos, não a destruirei como havia planejado*” (Jeremias 18:7-8 – NVT). A destruição de Nínive foi evitada claramente quando o rei e o povo se arrependeram, e a profecia foi anulada (cf. Jonas 3.4-10). Contudo, a profecia não deixou de ser cumprida, pois ela foi desde o início condicional. O mesmo princípio é aplicado à não destruição total da cidade de Damasco, que não foi completamente exterminada, mas teve grande parte da cidade reduzida a ruínas e seus territórios redistribuídos na Transjordânia e na Galileia. Ela foi destruída mais vezes do que qualquer outra cidade, mesmo assim ela continua como a cidade mais antiga continuamente habitada do mundo. Ela nunca deixou de ser uma cidade de forma permanente, embora tenha se tornado mais de uma vez um montão de ruínas.

Sendo assim, a profecia de Isaías contra a Síria em nada tem a ver com o atual momento vivido pelo país. Dizer o contrário é atentar contra o verdadeiro significado do texto bíblico. Atrelar a atual guerra na Síria à profecia de Isaías é oportunismo religioso e atitude de má-fé para, com base na religião, justificar o conflito civil. Gente assim, mais do que simplesmente fazer uma leitura religiosa e

um tanto quanto fantasiosa e anacrônica da Bíblia, deveria denunciar a crueldade e a violência dos que hoje matam de maneira discriminada o povo sírio. Não foi sem razão que o apóstolo Pedro, ao comentar o conteúdo das cartas do apóstolo Paulo, escreveu: “*Ele [o apóstolo Paulo] trata dessas questões [os sinais do fim dos tempos] em todas as suas cartas. Alguns de seus comentários são difíceis de entender, e os ignorantes e instáveis distorceram suas cartas, como fazem com outras partes das Escrituras. Como resultado, eles próprios serão destruídos*” (2Pedro 3.16 – NVT).

*Soli Deo Gloria.*

## BIBLIOGRAFIA UTILIZADA

CARSON, D. A.; FRANCE, R. T.; MOTYER, J. A.; WENHAM, G. J.. *Comentário bíblico Vida Nova*. Trad. Carlos E. S. Lopes e outros. São Paulo: Vida Nova, 2009. 952 p.

FEE, Gordon D. & STUART, Douglas. *Entendes o que lê?: Um guia para entender a Bíblia com o auxílio da exegese e da hermenêutica*. Trad. Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1997. 330 p.

BRUCE, Frederick Fyvie. *Comentário bíblico NVI: Antigo e Novo Testamento*. Trad. Valdemar Kroker. São Paulo: Vida, 2009. 2271 p.

OSBORNE, Grant R.. *A espiral hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica*. Trad. Daniel de Oliveira, Robinson N. Malkomes, Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2009. 767 p.

PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. *Foco e desenvolvimento no Antigo Testamento: estruturas e mensagens dos livros do Antigo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2006. 805 p.

PRICE, Ross E.; GRAY, C. Paul; GRIDER, J. Kenneth; SWIM, Roy E.. *Comentário bíblico Beacon: Isaías a Daniel*. Vol. 4, Trad. Valdemar Kroker e Haroldo Janzen. Rio de Janeiro: CPAD, 2005. 556 p.